

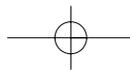
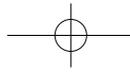


Tempo livre e Trabalho



Ministério
da Educação





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

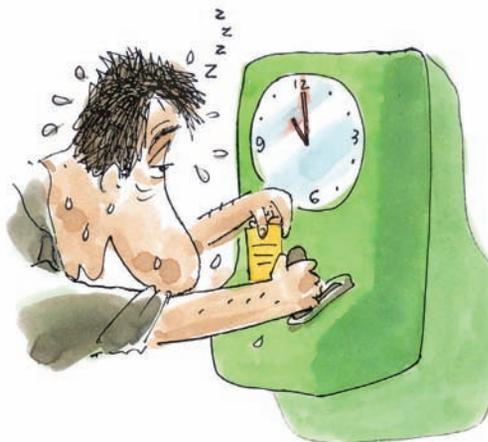
A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC

Sumário



TEXTO

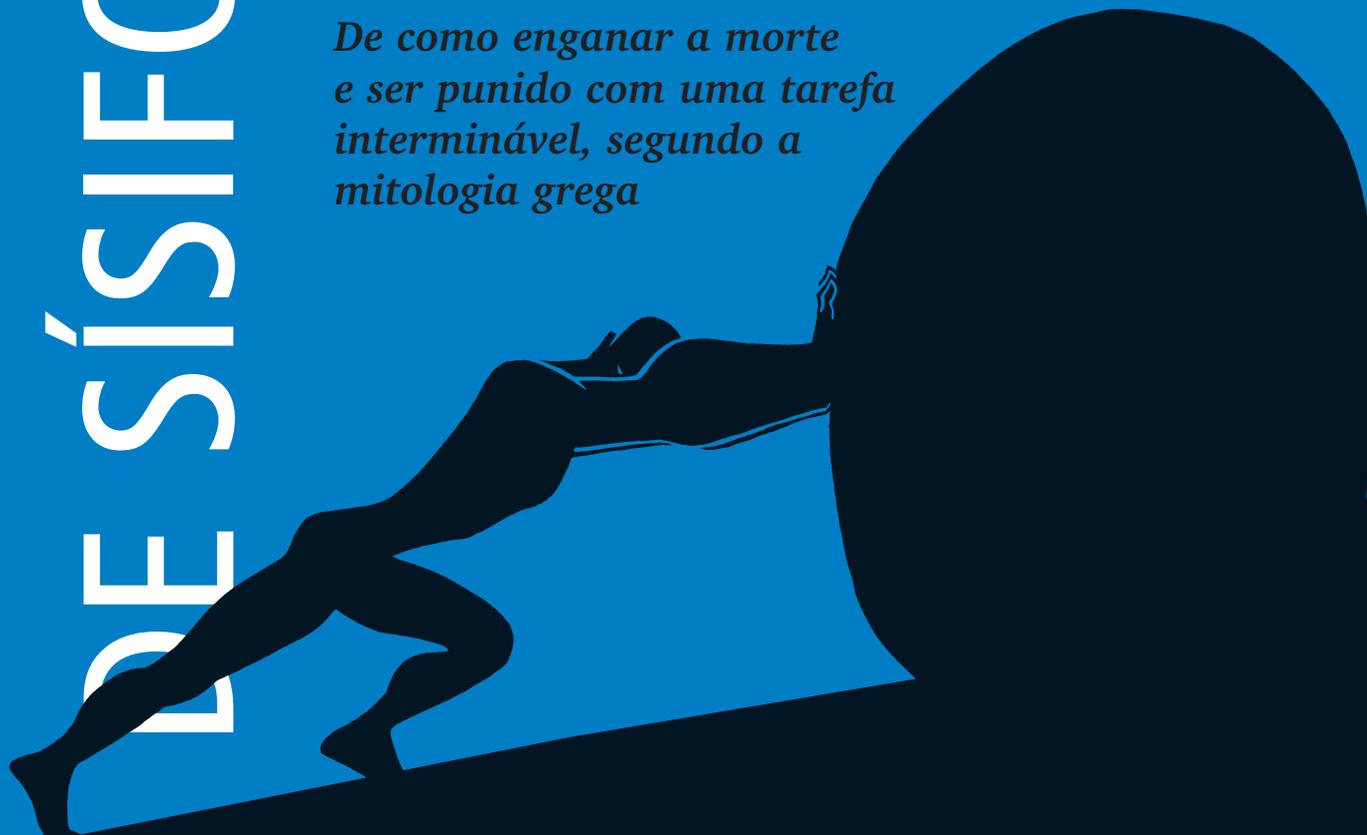
| | |
|---|----|
| 1. O mito de Sísifo | 6 |
| 2. Ócio & Negócio | 9 |
| 3. Tempo rei | 10 |
| 4. Ursa maior | 12 |
| 5. Benedito da Catira | 14 |
| 6. Dilbert | 17 |
| 7. História contemporânea | 18 |
| 8. Contra o tempo | 20 |
| 9. Dilbert | 21 |
| 10. Parque de diversões | 22 |
| 11. A história do lazer | 24 |
| 12. A vida é melhor com lazer | 26 |
| 13. Lazer e batente | 28 |
| 14. No calçadão | 29 |
| 15. Carnaval ou o mundo como teatro e prazer | 30 |

| | |
|---|----|
| 16. Turismo | 33 |
| 17. Hasta la vista, siesta | 34 |
| 18. Viver também é preciso | 36 |
| 19. Até segunda-feira | 37 |
| 20. Homenagem ao malandro | 38 |
| 21. Pescaria | 39 |
| 22. O espírito carnavalesco | 40 |
| 23. Domingo no parque | 42 |
| 24. Tempo curto | 44 |
| 25. Eu e outros poemas | 45 |
| 26. Brasil dos Ronaldos | 46 |
| 27. A rua | 48 |
| 28. Ninguém faz nada | 55 |
| 29. O Brasil do bem | 57 |
| 30. Os portadores de deficiência e o lazer | 59 |
| 31. O lazer e a crise econômica | 62 |



O MITO DE SÍSIFO

De como enganar a morte e ser punido com uma tarefa interminável, segundo a mitologia grega



Sísifo, mítico fundador da cidade de Corinto, foi o mais astuto dos mortais. Viu acidentalmente quando Zeus raptou Egina, filha do Rio Asopo, e delatou o raptor ao pai da moça em troca de uma nascente que Asopo fez brotar na cidadela de Corinto.

Zeus, encolerizado, enviou Tânato, a morte, para buscá-lo, mas de algum modo Sísifo conseguiu enganar e prender Tânato. Como ninguém mais morria, Hades estriou e Zeus providenciou a libertação de Tânato. Tânato imediatamente capturou seu captor e Sísifo baixou ao Hades.

Ilustração: Alcy

O precavido Sísifo, no entanto, avisara a esposa Mérope para não prestar-lhe as usuais honras fúnebres, de modo que Hades, indignado, não podia recebê-lo no mundo subterrâneo. Sísifo desculpou-se humildemente com o deus e garantiu-lhe que, se pudesse voltar, puniria a “sacrílega” esposa por sua impiedade e resolveria o problema. O deus concordou, e o espertalhão voltou tranqüilamente ao mundo da superfície e viveu ainda muitos anos...

Algum tempo depois, o mais esperto e bem-sucedido ladrão da Grécia, Autólico, filho de Hermes e vizinho de Sísifo, tentou roubar-lhe o gado. As reses desapareciam sistematicamente sem que se encontrasse o menor sinal do ladrão, porém Sísifo ficou desconfiado porque o rebanho de Autólico aumentava à medida que o seu diminuía. Mas Sísifo era um homem letrado (foi, aparentemente, um dos primeiros gregos a dominar a escrita) e deu um jeito de marcar os cascos dos animais com sinais de modo que, à medida que o gado se afastava de

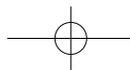
seu curral, aparecia no chão a frase “Autólico me roubou”...

Mas os dois acabaram se entendendo e ficaram amigos. Certas versões relatam que da união entre Sísifo e Anticléia, filha de Autólico, nasceu Odisseu, um dos principais heróis da mitologia grega.

As vitórias dos mortais contra os deuses, no entanto, duram pouco. Sísifo morreu de velhice e voltou ao Hades pelas vias normais. Por precaução, foi condenado a uma tarefa contínua e eterna, que não lhe deixava tempo para descansar ou pensar em fugas: empurrar um pesado rochedo para o alto de um morro.

O detalhe torturante é que essa pedra tinha um peso calculado de tal forma que, a poucos metros do cume, faltavam forças a Sísifo e a pedra rolava encosta abaixo, começando tudo outra vez, pela eternidade. A expressão hoje designa qualquer trabalho que pareça interminável; por exemplo, manter o quarto em ordem é um verdadeiro trabalho de Sísifo, pois ele começa a desarrumar-se assim que voltamos as costas.

Adaptado de <http://www.geocities.com/serouseja/camus/sisifo.htm>



SÍSIFO



Albert Camus

Eu vejo aquele homem descendo com um passo muito medido, em direção ao tormento que ele sabe que nunca terá fim. Aquela hora, que é como um momento de respiração, que sempre voltará assim como seu sofrimento; é a hora da consciência. Em cada um desses momentos, quando deixa as alturas e gradualmente mergulha no covil dos deuses, ele é superior ao seu destino. Ele é mais forte do que sua pedra. Se este mito é trágico, é porque seu herói é consciente. Onde estaria realmente sua tortura se a cada passo a esperança de prosperar o sustentasse? O trabalhador de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e seu destino não é menos absur-

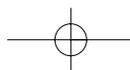
do. Mas é trágico apenas nos raros momentos em que ele toma consciência. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e rebelde, sabe a total extensão de sua miserável condição: é nisso que ele pensa durante sua descida. A lucidez que deveria constituir sua tortura ao mesmo tempo coroa sua vitória. Não há destino que não possa ser superado pelo desprezo. Se, dessa maneira, a descida é realizada às vezes com tristeza, também pode ser realizada com alegria.

Adaptado por Página Viva do site
www.geocities.com/serouseja/camus/sisifo.htm

Albert Camus



Filósofo e escritor argelino, filho de pais franceses (1913 /1960), é autor, entre outros textos, de “O estrangeiro”, no qual descreve a vida absurda de um funcionário argelino que vive em Paris e acaba se tornando assassino de um árabe.



ÓCIO &

O conceito romano que separa os pobres e escravos pela forma como empregam seu tempo ainda vigora



Desde as mais antigas civilizações existe divisão entre aqueles que mandam – e portanto pensam, concebem, inventam – e os que só obedecem e executam.

Entre os romanos, o trabalho para sustentar a vida era identificado à palavra negócio, literalmente, negação do ócio. O ócio significava, para os antigos, a forma nobre e digna de ocupar o tempo livre com o lazer, a arte do governo e a reflexão. Enquanto isso, as atividades relacionadas diretamente com a sobrevivência material ficavam a cargo dos escravos, cujas funções eram consideradas desprezíveis.

À primeira vista até poderíamos admitir que seria um desenvolvimento “natural” da civilização, já que alguns teriam melhor capacidade para o pensar, enquanto outros só desempenhariam bem os trabalhos manuais. O olhar mais atento constata, no entanto, que a sociedade descobre mecanismos

para manter a divisão não conforme os talentos, mas sim de acordo com a classe a que cada um pertence.

Um dos instrumentos de manutenção desse estado de coisas é a educação, privilégio daqueles que são proprietários. Não por acaso, a palavra grega *scholé*, de onde deriva “escola”, significa, inicialmente, o “lugar do ócio”. Aí as crianças das classes abastadas se ocupam com jogos, ginástica, música e retórica, enquanto as demais, pertencentes aos segmentos pobres, seguem seu “destino” social, sem que se levem em conta as tendências individuais. Nesse caso, ou são excluídas da escola, ou se encaminham para a aprendizagem de um ofício.

Assim se mantém a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, a escola funcionando como um “divisor de águas”.

Fonte: *Trabalho em Debate* – Organização de Márcia Kupstas/ Editora Moderna – São Paulo, 1998, págs. 26 e 27

Ilustração: Alcy



Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar
Corcovados
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
Água mole
Pedra dura
Tanto bate que não restará nem pensamento

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento
Para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas
Pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam
Não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

.....
Gilberto Gil, Cd *Raça Humana*

MACUNAÍMA

Mário de Andrade

URSA MAIOR

Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem sequer a gente encontrava cunhas por ali. O silêncio principiava cochilando à beira-rio do Uraricoera. Que enfaro! E principalmente, ah!... que preguiça!...

Macunaíma foi obrigado a abandonar a tapera cuja última parede trançada com palha de catolé estava caindo. Mas o impaludismo não lhe dava coragem nem pra construir um papiri. Trouxera a rede para o alto dum teso onde tinha uma pedra com dinheiro enterrado por debaixo. Amarrou a rede nos dois cajueiros frondejando e não saiu mais dela por muitos dias dormindo caceteado e comendo caju. Que solidão! O próprio séquito sarapintado se dissolvera. Não vê que um ajuru-catinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

– Madurou milho na terra dos ingleses, vou pra lá!

Então todos os papagaios foram comer milho na terra dos ingleses. Porém, primeiro viraram periquitos porque, assim, comiam e os periquitos levavam a fama. Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensando: "O mal ganhado, diabo leva... paciência". Passava os dias enfarado e se distraía fazendo o pássaro repetir na fala da tribo os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. Aaaah... Macunaíma bocejava escorrendo caju, muito mole na rede, com as mãos pra trás fazendo cabeceiro, o casal de legornes empoleirado nos pés e o papagaio na barriga. Vinha a noite. Aromado pelas frutas do cajueiro o herói ferrava no sono bem. Quando a arraia-da vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do herói. Depois falava:

- Macunaíma!
O dorminhoco nem se mexia.
- Macunaíma! ôh Macunaíma!
- Deixa a gente dormir, aruaí...
- Acorda, herói! É de-dia!
- Ah... que preguiça!...
- Pouca saúde e muita saúva,
Os males do Brasil são!....

.....
Macunaíma. 30. ed. Villa Rica: Minas Gerais, 1997



O escritor Mário de Andrade

BENEDITO DA CATIRA



Foto: Luciano Coca / Chromafotos / AE

Benedito Marcondes encosta a carroça no ponto da avenida Francisco Salles, no centro de Poços de Caldas, Minas Gerais, e salta sorridente, o chapéu colocado, num precário equilíbrio, no alto da cabeça. É quase meio-dia e Benedito chega de um carroto que foi fazer, transportando material de construção para o bairro da Cascatinha. Pendurada no galho de uma árvore, sua marmitta de comida quente o espera, trazida há pouco por um outro carroceiro.

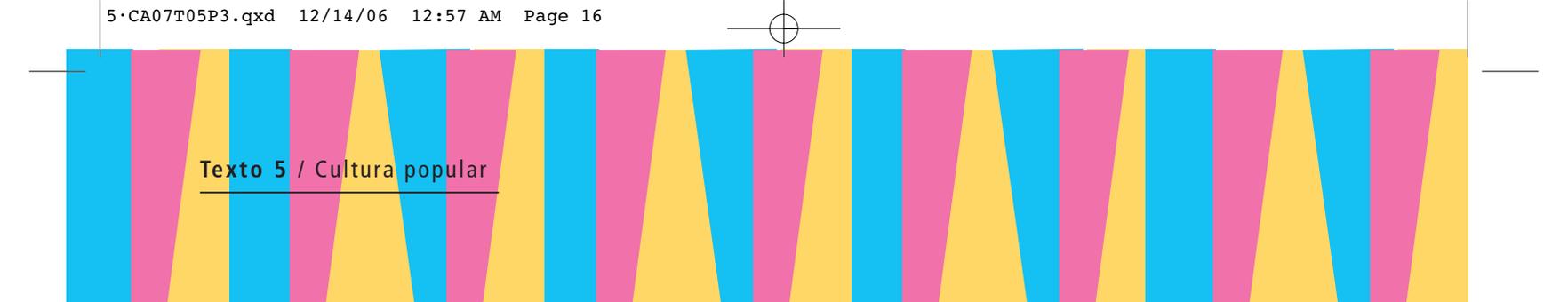
“Eu sou o Benedito Violeiro, tem gente que me chama de Benedito do Catira, outra hora sou o Benedito do Congo. Mas qualquer nome me serve, que eu gosto de tudo quanto é dança, e por isso o pessoal me chama assim.”

Sentado à sombra de uma árvore, à beira do canal que corta a cidade, Benedito tem o sotaque carregado do mineiro

da roça: “Eu sou nascido aqui perto, na cidade de Caldas, num sítio lá, que era do meu pai. Sempre morei na roça, mas um dia tive que vir pra cidade por causa da doença da mulher, que os médicos precisava ficar mais perto pra tratar dela. Já faz 9 anos que eu mudei. Mas logo a mulher me deixou viúvo, com meus sete filhos para criar e aí a luta foi dura. Mas nunca deixei de dançar, não, que dançar o catira, o congo, a Folia de Reis é uma devoção. A gente canta e dança sempre em homenagem ao Santo. É uma maneira que o povo tem de rezar, e eu acho que agrada mais ao Santo que muito palavrório. Mas também eu nasci e já achei o catira dentro de casa. Meu avô, meu pai, tudo dançava. Eu comecei desde os 7 anos, que decerto minha raça é essa, de gostar de música, de dança. Desde pequeno vinha aquela inclinação na minha idéia. Quando panhei uma idade maiorzinha, comprei uma violinha e fui conversando com ela, conversando, até que aprendi a tocar umas modas. Aí, pro catira, comecei a inventar umas música minha também, pra mode cantar as coisas nossas, e o pessoal gostou, foi indo. No catira a gente tem que cantar música própria, de moda de viola mesmo. Tem muitas, umas bonitas do Vieira e Vieirinha, do Moreno e Moreninho, tem umas que a gente nem sabe quem fez, mas canta desde o tempo do meu avô. Agora a gente também escreve muito, faz da idéia da gente.

Aqui em Poços num tem grupo de catireiro; o único que tem por aí é o nosso, dos roceiro lá de Caldas, três léguas daqui. Eu sempre vou lá dançar, quando eles precisa de mim e me chama. Quando eu quero eles vêm aqui. Mora tudo nas roças, lá perto de Caldas. Eu não sei não, mas parece que o pessoal da roça desenvolve melhor essa dança do catira. O povo da cidade quase nem liga.”

*“Quando panhei
uma idade
maiorzinha, comprei
uma violinha e fui
conversando com ela,
conversando...”*



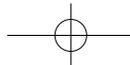
Texto 5 / Cultura popular

O sol está quente e Benedito levanta-se para dar água ao cavalo, num balde que está junto ao pé da árvore.

“Aí gaúcho, bebe, bebe...” Benedito fala macio com o cavalo, um cavalo ruço, marchetado de cinza. “Esse cavali-
nho é bom de carroça, só tem me dado alegria. Tem 7 anos...
é mais novo do que eu.” Benedito abre ainda mais o sorriso
que nunca abandona sua cara alegre. “Já completei meus 49
anos e hoje posso dizer que sou feliz, criei meus filhos tudo,
minha única tristeza é a viuvez, mas fazer o quê? Eu sempre
enfrentei todo serviço, qualquer coisa que for preciso, mas
uma coisa que eu sempre quis foi ficar com a minha dança,
com o catira. O meu serviço de carroceiro, muita gente ri de
nós, falando que é tempo de caminhão, que num tem mais
lugar pra carroça não. Pois eu acho que tem. Porque se um
sujeito compra aí um saco de cimento, uns pedaço de tábuas,
pruma reforma, qualquer coisa, e vai pagar o frete do cami-
nhão pra levar, acho que paga mais caro que o preço do
cimento. E esses mais pobres, que precisa fazer uma mudan-
cinha, levar os trem dele num lugar pro outro, pode lá pagar
frete de caminhão? Agora nós, não, a gente combina com o
freguês, conforme a distância, o preço justo. É um ganho
bom. E depois o serviço é livre, é da gente, num tem patrão,
essas coisas. Eu até essa idade de hoje, regulei minha vida
pela minha mão mesmo.”

*“Eu não sei não,
mas parece que o
pessoal da roça
desenvolve melhor
essa dança
do catira. O povo
da cidade quase
nem liga.”*

.....
Cena brasileira – artistas e festas populares.
São Paulo: Brasiliense, 1977.

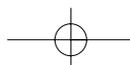


TEXTO 6

Família

DILBERT

Scott Adams



TEXTO 7

Qualidade de vida

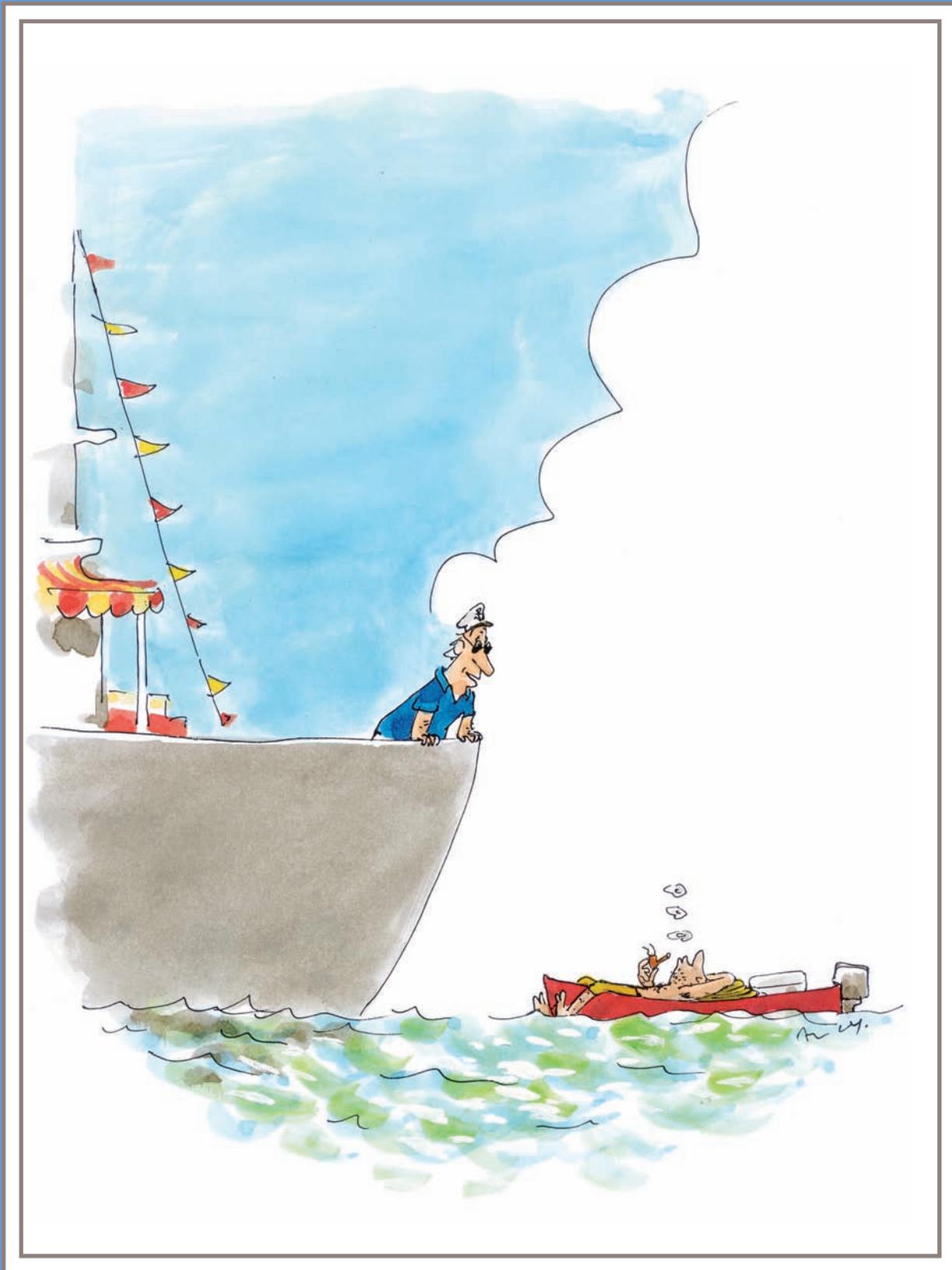


Ilustração: Alcy

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

O rico industrial ficou horrorizado ao encontrar um pescador deitado indolentemente ao lado de seu barco, fumando um cachimbo.

- Mas por que você não está pescando?
- Porque já peguei peixe suficiente para hoje.
- E por que você não sai para pegar mais peixes?
- O que eu faria com eles?

– Ora, você poderia ganhar dinheiro vendendo-os – explicou o industrial. – Com o dinheiro poderia consertar o motor do barco, ir a águas mais profundas e pescar ainda mais peixe. Teria então dinheiro para comprar redes de *nylon*. O que lhe traria ainda mais peixes e mais dinheiro. Logo teria dinheiro para possuir dois barcos... talvez uma frota de barcos. E seria um homem rico como eu.

- E o que eu faria então?
- Ora, você poderia então realmente gozar a vida.
- E o que você acha que eu estou fazendo agora?

Histórias da alma, histórias do coração, compiladas por
Christina Feldman e Jack Kornfield São Paulo: Pioneira, 1994.

*Uma banda canta
sobre esperar ou
fazer acontecer*

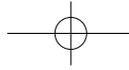
CONTRA O TEMPO

Quinto Andar

Quanto tempo mais
Quanto tempo faz
Quanto tempo vem
Quanto tempo ainda tem... pra acabar
Tempo que ninguém vai apagar
Sei lá... melhor deixar o tempo passar

Dê tempo ao tempo, e ele passa correndo
Sentado numa cadeira tipo quem fica só vendo
Podendo eu o parava mas não posso
Por isso rezo espero que tudo melhore logo
Réveillon faço meus votos
E pedido sobre os fogos, apagando anos passados
Com pedido para os novos e dão início aos jogos
Os mesmos de sempre, agindo igual e pedindo um ano diferente
Que tudo seja melhor daqui pra frente (...)

Publicado na revista *Caros Amigos*, nº 48, março de 2001.



TEXTO 9

Família

DILBERT

Scott Adams



PARQUE DE D

Ana Miranda

Ele saiu com sua melhor roupa, de mãos dadas com o filho maior, e o menor no colo. Deu um beijo na mulher, ela sorriu, enxugou as mãos na barra da saia e foi olhar da porta a saída alegre da família. Era um domingo de céu azul. Todos os domingos ele fazia o mesmo trajeto com os filhos.

Atravessou a rua com as duas crianças no colo para não sujarem os únicos sapatos que tinham. Os vizinhos acenaram. Ele comprou a passagem com tíquetes e esperou meia hora na estação, até que o trem apareceu, vazio. Entrou no vagão, sentou-se com os filhos e fizeram a viagem em silêncio. As crianças, absortas, olhavam a paisagem que se tornava cada vez mais urbana: carros, ruas asfaltadas e edifícios. Saltaram na última estação.

Caminharam algumas quadras, atravessaram ruas, praças e chegaram ao ponto de ônibus. Esperaram quase uma hora, as crianças impacientes reclamaram de sede, e ele foi a uma padaria, pediu um copo de água e deu de beber aos filhos. As crianças pediram um sonho, mas ele explicou que não tinha dinheiro. Voltaram ao ponto. O ônibus apareceu. Subiram e viajaram mais algum tempo. Cansadas, as crianças adormeceram. O ônibus chegou ao centro da cidade.

Saltaram no ponto da praça. Ele deitou as crianças num banco e esperou. As crianças acordaram e quiseram olhar os pombos, que comiam milho jogado por um mendigo. Ele disse: “Vamos logo, estamos perto”. Atravessaram um labirinto de

IVERSÕES

ruas estreitas e desertas, com as grades das lojas abaixadas. Cruzaram a larga avenida central e chegaram ao destino. De mãos dadas com o filho maior e o menor no colo, ele entrou no edifício. O vigia acenou. Faxineiros varriam a rampa. Excitadas, as crianças sorriam. Ele desceu a escada rolante em silêncio, as crianças absortas. Ao final, fizeram a volta e subiram a escada rolante. Desceram e subiram durante mais de uma hora. Ele disse que estava na hora de voltar.

Cruzaram a avenida, o labirinto de ruas, beberam água na padaria, tomaram o ônibus, o trem, as ruas de lama, e ao entardecer chegaram em casa, cansados e felizes.

Publicado na revista *Caros Amigos*, nº 48, março de 2001.



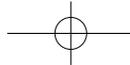


*“Para os gregos,
o ócio não significava
não fazer nada,
mas sim dedicar-se
às idéias
e ao espírito...”*

Na Grécia antiga dava-se mais valor ao ócio do que ao trabalho, principalmente entre os atenienses, já que os espartanos eram guerreiros. O cotidiano do povo grego acontecia fundamentalmente nos ginásios esportivos, nas termas, no fórum ou outros lugares de reunião.

Interessante notar que a palavra ócio, em grego, é *skole*; de onde deriva a palavra escola em português, que em latim é *schola* e em castelhano, *escuela*. Quer dizer, os nomes dados aos lugares destinados à educação significavam ócio para os gregos. Assim, eles consideravam o ócio como algo a ser alcançado e desfrutado.

Para o filósofo Aristóteles, o ócio era uma condição ou estado – o estado de estar livre da necessidade de trabalhar. Ele fala também da vida ociosa em contraposição à vida de ação, entendendo por ação as atividades dirigidas para obtenção de fins materiais. Não considerava ócio a diversão ou o recreio, porque eram atividades diretamente relacionadas com descanso do trabalho; e a capacidade de viver devidamente o ócio era a base do homem livre e feliz.



O conceito de lazer

Vários autores e o cidadão comum utilizam diferentes termos para se referir ao tempo livre:

- ▶ **Ócio** (do latim *otiu*) = vagar, descanso, repouso, preguiça;
- ▶ **Ociosidade** (do latim *otiositate*) = o vício de gastar tempo inutilmente, preguiça;
- ▶ **Descanso** = repouso, sossego, folga, vagar, pausa, apoio, demora;
- ▶ **Lazer** (do latim *licere*) = ócio, vagar.

Fazendo convergir as diversas expressões, podemos considerar a ausência de qualquer atividade concreta, ou seja, certa liberdade de não fazer coisa alguma. Surge de forma clara uma tentativa de definir certo tempo (fora das ocupações diárias) em contraponto com o outro tempo (o das ocupações diárias). Assim, o conceito “tempo livre” parece aquele que melhor corresponde à necessidade de “batizar” a parte do dia em que não estamos ocupados com atividades definidas.

O conceito mais aceito a respeito do lazer é o do sociólogo francês Joffre Dumazedier: “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

www.partes.com.br

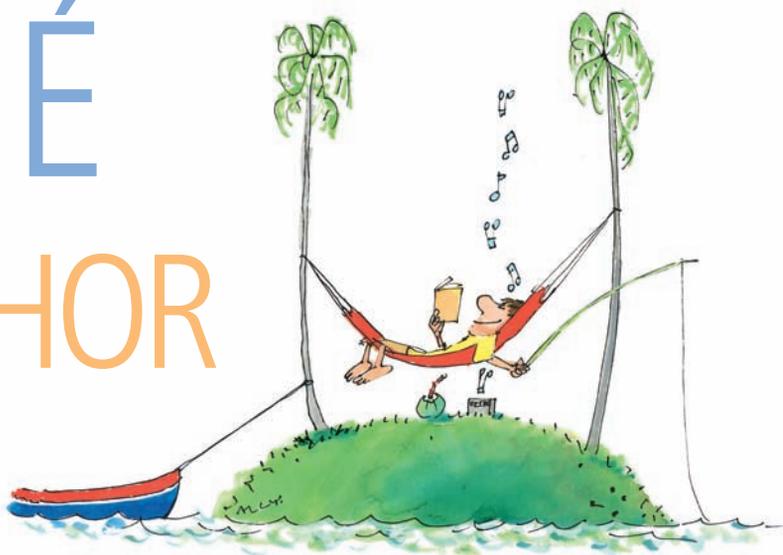
Já o conceito de ócio dos romanos na Idade Média era que as pessoas muito ocupadas buscavam-no não como um fim, mas como descanso e diversão no intervalo de suas diversas atividades – exército, comércio, governo.

De acordo com estudiosos, a vida de ócio dos gregos só foi possível por causa da escravidão, pois na época havia duas classes de homens: os dedicados à arte, à contemplação ou à guerra; e os que eram obrigados a trabalhar, inclusive em condições precárias: os escravos.

Para os gregos, o ócio não significava não fazer nada, mas sim dedicar-se às idéias e ao espírito, na contemplação da verdade, do bem e da beleza, de forma não utilitária.

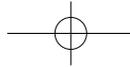
Adaptado por Página Viva da revista *Partes*, Raulito Ramos Guerra Filho, mestre em Lazer pela Universidade de Campinas.

A VIDA É MELHOR COM LAZER



A busca do lazer é uma atitude natural do ser humano, já que, espontaneamente, sempre preferimos nos ocupar com o que nos proporciona prazer.

Embora a diversão faça parte da natureza humana, as necessidades da vida moderna acabam impondo obrigações que limitam as escolhas sobre o que fazer com o nosso tempo. Assim, o lazer acaba sendo deixado em segundo plano, ou realizado de maneira inadequada; e, infelizmente, substituído pela correria, o stress e várias doenças "modernas", hoje comuns entre os adultos e até em crianças, sobretudo para os que vivem nos grandes centros urbanos.



O direito ao lazer

O tempo gasto com alimentação, higiene, sono e outras necessidades fisiológicas é considerado tempo gasto com as necessidades básicas vitais. Alguns especialistas defendem que o lazer seja incluído nessa lista, como vivência fundamental para manter a saúde no homem. "O homem que não se recreia é um animal doente", diz Vinícius Cavallari, professor de educação física e turismo e especialização em recreação e lazer sociocultural. Para ele, o ser humano precisa de lazer, fundamental para o bem-estar físico, mental, psicológico e espiritual, que é a verdadeira definição de saúde. Cavallari considera o lazer um estado de espírito. "Você se encontra em uma situação favorável, com uma pré-disposição voltada para fazer alguma coisa interessante e gostosa, sem compromisso. Se você assumiu um compromisso, deixa de ser lazer". O professor cita como exemplo uma festa, sempre uma atividade lúdica e recreativa; mas a festa deixará de ser uma atividade de lazer se a pessoa estiver indo por obrigação, para não dar furo com alguém, com vontade de fazer outra coisa. "Lazer é opção pessoal, uma escolha individual, espontânea", diz.

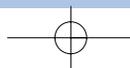
As muitas vantagens do lazer

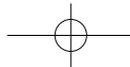
Descansar, recuperar as energias, distrair-se, entreter-se são objetivos que costumam ser associados ao lazer. No entanto, além do descanso e do divertimento, acontece outra coisa que não é perceptível, que é o desenvolvimento pessoal e social que o lazer permite. No teatro, no turismo, na festa, estão presentes oportunidades privilegiadas, porque as pessoas vão a esses lugares espontaneamente e não por obrigação.

Brincar e rir faz bem

As pessoas costumam dar pouca importância ao lado social do lazer. Em geral, quando uma mãe sabe que o seu filho vai participar de várias atividades recreativas e aprender um monte de coisas, ela acha útil. Mas se ela souber que a criança só vai brincar e rir a tarde inteira, talvez considere inútil. As pessoas não percebem que brincar e rir faz parte do bem-estar e da saúde do homem integral. O adulto não se dá o direito ao brincar, mas se reconhecesse o quanto isso pode ser bom para a saúde, certamente mudaria de atitude.

Adaptado por Página Viva do site da APABB –
Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência,
de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade




TEXTO 13

Sofrimento e alegria no escritório


**LAZER E
"BATENTE"**
 PODEM SER BONS
 COMPANHEIROS

*A diferença
essencial entre worklovers
e workaholics*



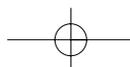
Ilustrações: Alcy

Para algumas pessoas, o escritório, o laboratório, a empresa, a rua, a escola, enfim, todos os locais de trabalho e as atividades ali realizadas podem ser fontes de satisfação pessoal, além de trabalho. E não há nada de errado nisso: trabalhadores assim são chamados de *worklovers*, expressão em inglês que quer dizer “apaixonados pelo trabalho”.

Quem lhes deu esse nome foram os sociólogos, psicólogos e médicos do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (Unb), que estudam as relações entre indivíduo e trabalho. Uma outra palavra inglesa, *workaholic*, que designa as pessoas viciadas em trabalho (que usam a profissão para fugir dos outros aspectos da vida), se contrapõe aos *worklo-*

vers, que são apaixonados pelo que fazem, trabalham muito, mas têm sua vida pessoal e cumprem seus outros papéis na sociedade”, explica o psicólogo Wanderley Codo, coordenador da pesquisa. “Trabalham muito, mas conseguem tempo para manter os laços afetivos familiares e para o lazer (...). O trabalho é extremamente importante para a construção da identidade da pessoa. É nele que o homem exerce sua capacidade de modificar a realidade, de se ver e de se identificar com o que faz. E existem muitos profissionais que conseguem manter essa capacidade no trabalho”, diz Wanderley.

Adaptado por Página Viva de *O Estado de S. Paulo*, de 29/10/04.



NO CALÇADÃO



Foto: Maurício de Souza / AE

Jogo de baralho no calçadão de Santos, São Paulo.

CARNIVAL

*Os quatro dias que distribuem
igualmente o direito ao
excesso e à fantasia*



Acervo Iconographia



Foto: Alexandre Belem / AE

OU O MUNDO
COMO TEATRO
E PRAZER

Roberto Damatta

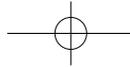
Mas qual a receita para o carnaval brasileiro? Sabemos que o carnaval é definido como “liberdade” e como possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres. Trata-se de um momento em que se pode deixar de viver a vida como fardo e castigo. É, no fundo, a oportunidade de fazer tudo ao contrário: viver e ter uma experiência do mundo como excesso – mas como excesso de prazer, de riqueza (ou de “luxo”), de alegria e de riso; de prazer sensual que finalmente fica ao alcance de todos.

Se o desastre distribui o malefício sem escolher entre ricos e pobres, o carnaval faz o mesmo, só que ao contrário. A “catástrofe” que o carnaval brasileiro possibilita é a da distribuição livre e igualitária do prazer sensual para todos. O Rei Momo – Dionísio, o Rei da Inversão, da Antiestrutura e do Desregramento – sugere, com o carnaval, a possibilidade bizarra, inventando um universo social onde a regra é praticar sistematicamente todos os excessos!

Por isso, o carnaval é percebido como algo que vem de fora para dentro da sociedade. Como uma onda irresistível que nos domina, controla e seduz inapelavelmente. Ele é igualmente percebido como uma festa onde todos são iguais – ou podem viver uma significativa experiência de igualdade.

Mas o que o carnaval consegue fazer com o Brasil? Que extraordinário é esse que ele tão criativamente inventa?

O carnaval é um ritual de inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva, porque planejada e, por isso mesmo, vista como desejada e necessária.



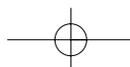
Texto 15 / Cultura popular

No carnaval, trocamos o trabalho que castiga o corpo (o velho *tripalium* ou canga romana que subjugava escravos) pelo uso do corpo como instrumento de beleza e de prazer. No trabalho estragamos, submetemos e gastamos o corpo. No carnaval, isso também ocorre, mas de modo inverso. Aqui, o corpo é gasto pelo prazer e pela “brincadeira”. Daí por que falamos que “nos esbaldamos” ou “liquidamos” no carnaval.

O carnaval também promove a troca dos uniformes pelas fantasias. Se o uniforme é uma vestimenta que cria ordem e hierarquia, a fantasia permite o exagero e a troca de posições. Note-se que, no carnaval do Brasil, não vestimos costumes, mas “fantasias”. E a fantasia é tanto o sonho acordado quanto aquela roupa que realiza a ponte entre o que realmente somos e o que poderíamos ter sido ou o que merecíamos ser. A fantasia liberta, “desconstrói”, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite o livre trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano, com suas leis e preconceitos, torna proibitivo. Ademais, ela torna possível passar de “ninguém” a “alguém”; de marginal do mercado de trabalho a figura mitológica.

É precisamente por estar vivendo uma situação na qual as regras do mundo diário estão temporariamente de cabeça para baixo que posso ganhar e realmente sentir uma incrível sensação de liberdade. Liberdade fundamental numa sociedade cuja rotina é dominada pelas hierarquias que a todos sujeitam numa escala de direitos e deveres vindos de cima para baixo, dos superiores para os inferiores, dos “elementos” que entram na fila e das “pessoas” que jamais são vistas em público como comuns.

.....
O que é o Brasil?, de Roberto Damatta. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
Volume EJA – Ministério da Educação – PNBE.



TURISMO

As faixas mais modestas da população começam a participar da indústria do ócio



O lazer e o turismo vêm ganhando peso cada vez maior no dia-a-dia da vida moderna. Antes aproveitados apenas pela elite da sociedade, foram se tornando acessíveis a um público crescente, graças aos processos históricos de democratização e aos avanços tecnológicos. Esses levaram ao aumento da produtividade, à redução dos custos em geral e das jornadas de trabalho, elevando os recursos disponíveis para consumo das camadas mais pobres da população.

Atualmente, a indústria e os serviços ligados ao setor colocam-se entre os campeões de crescimento. A “indústria” de viagens e turismo está entre as mais desenvolvidas do mundo e exerce influência sobre outros setores de atividades, como o varejo e a construção civil, por exemplo. É uma “indústria” que perde somente para a de alimentação em termos de consumo.

.....
www.brasilcultura.com.br

¡HASTA LA VISTA, SIESTA!

Si usted no está durmiendo lo suficiente, quizás es hora de empacar e irse a España. Y no se preocupe por el sueño perdido como consecuencia del cambio de horario. En España es costumbre dormir de dos a tres horas en la tarde. Durante las horas de siesta muchos negocios permanecen cerrados desde las dos hasta las cinco. Ésta es la famosa siesta española, y ellos adoptaron esta tradición como una forma práctica de lidiar con el calor intenso de las tardes. Los españoles insisten en que se debe dormir unas pocas horas du-



rante las horas de sol. Esto les permite estar vivaces y alertas hasta muy tarde por la noche, durante los fines de semana y la media noche cuando tradicionalmente se sirve la cena.

En España, es común quedarse despierto hasta tarde todos los días. Este es un país en el que disfrutar de la vida y estar fuera de casa hasta muy tarde por la madrugada es algo cultural.

En la ciudad de Barcelona y en la región de Andalucía los trabajadores están durmiendo menos, como consecuencia de las exigencias de producción de otros países de la Comunidad Europea, donde darse siestas no es común. A pesar de los cambios impuestos por las nuevas exigencias de producción, los españoles continúan cenando a las 9 de la noche. Sin embargo, la tradicional siesta está desapareciendo lentamente. La gente de negocios ha comenzado a trabajar durante las horas en las que antes se tomaba la siesta. Esto es debido a que frecuentemente deben negociar con

países como Alemania y Suecia que se adhieren a un horario distinto de negocios, ya no tienen tiempo para su siesta. A pesar de estos cambios, los españoles procuran echarse a dormir cuantas veces puedan mientras no estén trabajando o atendiendo obligaciones familiares.

Federico Busquets, un emprendedor de negocios españoles, considera que la siesta tradicional es inmensamente necesaria, y ha creado la franquicia de un próspero salón de masajes que funciona con esa filosofía. La gente generalmente se queda dormida en las sillas de masaje de los establecimientos de Busquets, y a nadie le molesta. Los clientes están tan desesperados por una siesta que pagan el equivalente a 7 euros por un masaje de 10 minutos que les permite dormir y descansar durante las horas de trabajo. Según declaró Busquets la siesta no sólo es una necesidad, sino que es parte de la identidad española. “¡Estamos en España! Estamos hablando de la siesta. Perderla sería como perder las corridas de toros, o la sangría, o la paella.” ¿Siesta nacional? ¡Olé!



Adaptado do site: www.1800sucolchon.com/sleepwell/siesta.asp

VIVER TAMBÉM É PRECISO

Horas extras, segundo pesquisas, fazem mal à saúde

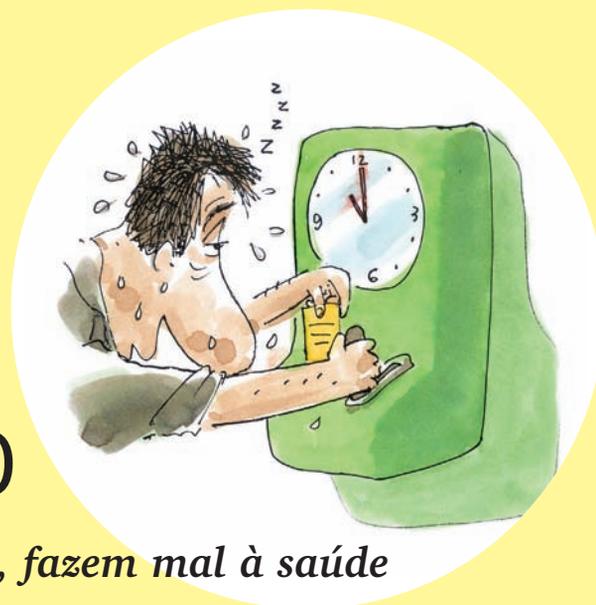


Ilustração: Alcy

Grande parte dos trabalhadores brasileiros faz horas extras. Pesquisas demonstram que os patrões lucram com isso; os trabalhadores concordam e aproveitam para melhorar sua renda mensal. Apesar disso, a longo prazo todos saem perdendo.



Aumento do trabalho

Nos últimos vinte anos, as exigências de produção tornaram o trabalho mais rápido, cansativo, e estressante. Isso porque eliminaram o tempo livre, criaram o trabalhador multifuncional e polivalente, e aumentaram significativamente o desgaste mental. Trabalhar acima dos nossos limites significa sofrimento psíquico, estresse e, por fim, adoecimento.



Jornada prolongada

Para uma simples jornada de trabalho oficial de 44 horas, ou de 40 horas semanais, como já acontece em muitas empresas, os problemas de fadiga

e estresse já têm provocado um alto índice de adoecimento. Fazer horas extras é arriscar ainda mais a saúde, pois duas horas extras não significam um desgaste de apenas duas horas a mais de trabalho.

Uma bomba-relógio



Trabalhar duas horas extras no final da jornada significa um desgaste enorme. É fácil entender a razão: imagine um atleta ter de correr mais 8 km ao final dos 42 km de uma maratona. Pois é exatamente isso que você faz quando trabalha mais duas horas ao final das suas 8 horas normais. Ou trabalha no seu dia de descanso após uma semana inteira exaustiva. Além disso, você perde o tempo que teria para fazer outras coisas como descansar, passear, estudar, namorar, ou simplesmente pensar na sua vida. Ca entre nós, você já pensou nisso?

www.smabc.org.br

ATÉ SEGUNDA-FEIRA

Chico Buarque

Sei que a noite inteira eu vou cantar
Até segunda-feira
quando volto a trabalhar, morena
Sei que não preciso me inquietar
Até segundo aviso
Você prometeu me amar
Por isso eu conto a quem encontro pela rua
Que meu samba é seu amigo
Que a minha casa é sua
Que meu peito é seu abrigo
Meu trabalho, seu sossego
Seu abraço, meu emprego
Quando chego
No meu lar, morena



Ilustração: Alcy

<http://vagalume.uol.com.br/chico-buarque/ate-segunda-feira.html>

HOMENAGEM AO MALANDRO

Chico Buarque de Holanda

Eu fui fazer um samba em homenagem
à nata da malandragem, que conheço
de outros carnavais.

Eu fui à Lapa e perdi a viagem,
que aquela tal malandragem não existe mais.

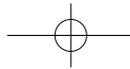
Agora já não é normal, o que dá de malandro
regular profissional, malandro com o aparato
de malandro oficial,
malandro candidato a malandro federal,
malandro com retrato na coluna social;
malandro com contrato, com gravata e capital,
que nunca se dá mal.

Mas o malandro para valer, não espalha,
aposentou a navalha, tem mulher e filho e tralha e tal.
Dizem as más línguas que ele até trabalha,
Mora lá longe, chacoalha no trem da central.



Ilustração: Alcy

<http://letras.terra.com.br/letras/45135/>



PESCARIA



Foto: José Inácio Parente

Pai e filhos em um momento de lazer. Interior do Estado do Rio de Janeiro.

O ESPÍRITO CARNAVALESCO

Moacyr Scliar

Cansado, ele dormia a sono alto, quando foi brusca-mente despertado pela esposa, que o sacudia violentamente.

– Que aconteceu? – resmungou ele, ainda de olhos fechados.

– Não posso dormir – queixou-se ela.

– Não pode dormir? E por quê?

– Por causa do barulho – ela, irritada: – Será possível que você não ouça?

Ele prestou atenção: de fato, havia barulho. O barulho de uma escola de samba ensaiando para o carnaval: pandeiros, tamborins... Não escutara antes por causa do sono pesado. O que não era o caso da mulher. Ela exigia providências.

– Mas o que quer você que eu faça? – perguntou ele, agora também irritado.

– Quero que você vá lá e mande pararem com esse barulho.

– De jeito nenhum – disse ele. – Não sou fiscal, não sou polícia. Eu não vou lá.

Virou-se para o lado com o propósito de conciliar de novo o sono. O que a mulher não permitiria: logo estava a sacudi-lo de novo.

Ele acendeu a luz, sentou na cama:

– Escute, mulher. É carnaval, esta gente sempre ensaia no carnaval, e não vão parar o ensaio porque você não consegue dormir. É melhor você colocar tampões nos ouvidos e esquecer esta história.

Ela começou a chorar.



– Você não me ama – dizia, entre soluços. – Se você me amasse, iria lá e acabaria com a farra.

Com um suspiro, ele levantou-se da cama, vestiu-se e saiu, sem uma palavra.

Ela ficou à espera, imaginando que em dez ou quinze minutos a batucada cessaria.

Mas não cessava. Pior: o marido não voltava. Passou-se meia hora, passou-se uma hora: nada. Nem sinal dele.

E aí ela ficou nervosa. Será que tinha acontecido alguma coisa ao pobre homem? Será que – por causa dela – ele tinha se metido numa briga? Teria sido assassinado? Mas, neste caso, por que continuava a batucada? Ou seria aquela gente tão insensível que continuava a orgia carnavalesca mesmo depois de ter matado um homem? Não agüentando mais, ela vestiu-se e foi até o terreiro da escola de samba, ali perto.

Não, o marido não tinha sido agredido e muito menos assassinado. Continuava vivo, e bem vivo: no meio de uma roda, ele sambava, animadíssimo.

Ela deu meia-volta e foi para casa. Convencida de que o espírito carnavalesco é imbatível e fala mais alto do que qualquer coisa.


 TEXTO 23

Lazer e tragédia

DOMINGO NO PARQUE

Gilberto Gil

O rei da brincadeira – ê, José
 O rei da confusão – ê, João
 Um trabalhava na feira – ê, José
 Outro na construção – ê, João

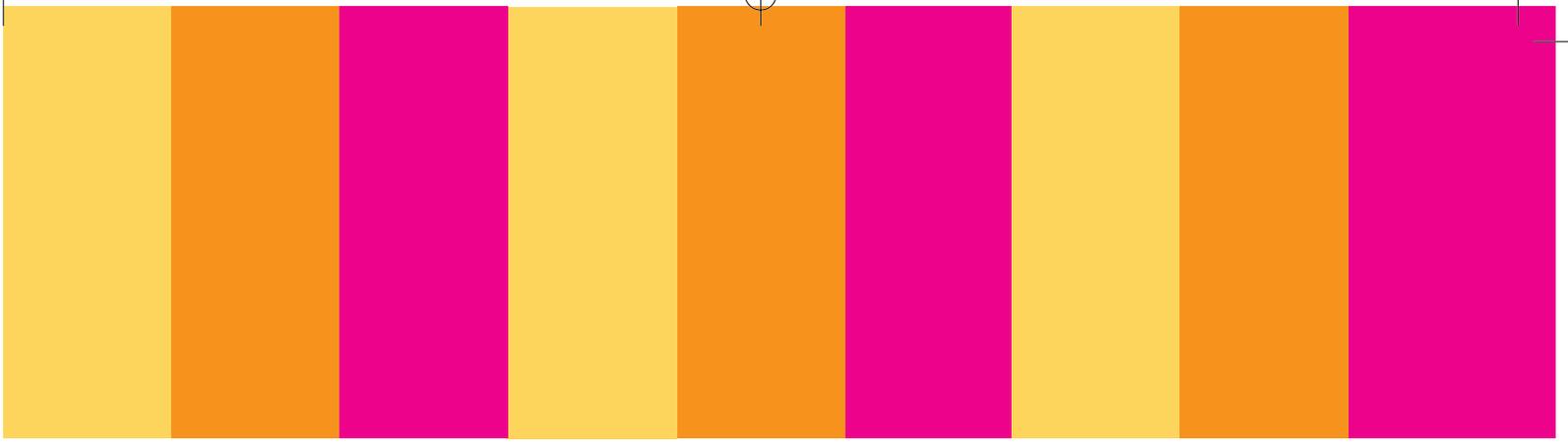
A semana passada, no fim da semana
 João resolveu não brigar
 No domingo de tarde saiu apressado
 E não foi pra Ribeira jogar
 Capoeira
 Não foi pra lá pra Ribeira
 Foi namorar

O José como sempre no fim da semana
 Guardou a barraca e sumiu
 Foi fazer no domingo um passeio no parque
 Lá perto da Boca do Rio
 Foi no parque que ele avistou Juliana
 Foi que ele viu

Juliana na roda com João
 Uma rosa e um sorvete na mão
 Juliana, seu sonho, uma ilusão
 Juliana e o amigo João
 O espinho da rosa feriu Zé
 E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa – ô, José
 A rosa e o sorvete – ô, José
 Oi, dançando no peito – ô, José
 Do José brincalhão – ô, José

O sorvete e a rosa – ô, José
 A rosa e o sorvete – ô, José
 Oi, girando na mente – ô, José
 Do José brincalhão – ô, José



Juliana girando – oi, girando
 Oi, na roda gigante – oi, girando
 Oi, na roda gigante – oi, girando
 O amigo João – João

O sorvete é morango – é vermelho
 Oi, girando, e a rosa – é vermelha
 Oi, girando, girando – é vermelha
 Oi, girando, girando – olha a faca!

Olha o sangue na mão – ê, José
 Juliana no chão – ê, José
 Outro corpo caído – ê, José
 Seu amigo, João – ê, José

Amanhã não tem feira – ê, José
 Não tem mais construção – ê, João
 Não tem mais brincadeira – ê, José
 Não tem mais confusão – ê, João

.....
 Gilberto Gil, LP *Gilberto Gil*, 1968.



TEMPO CURTO

Claudius



Publicado na revista *Caros Amigos*.

EU E OUTROS POEMAS

Augusto dos Anjos

GOZO INSATISFEITO

Entre o gozo que aspiro, e o sofrimento
De minha mocidade, experimento
O mais profundo e abalador atrito...
Queimam-me o peito cáusticos de fogo
Esta ânsia de absoluto desaforo
Abrange todo o círculo infinito.
Na insaciedade desse gozo falho
Busco no desespero do trabalho,
Sem um domingo ao menos de repouso,
Fazer parar a máquina do instinto,
Mas, quanto mais me desespero, sinto
A insaciabilidade desse gozo!



retrato do autor



BRASIL DOS RONALDOS

Ederson Granetto

Mesmo fora de forma e acima do peso, muita gente não abre mão de correr atrás da bola para se divertir. Especialistas alertam sobre os riscos para a saúde do esportista de fim de semana.

Já passava das 3 e meia da tarde de sábado e os quatro homens de calção e chuteiras esperam sob o sol os companheiros que vão disputar uma partida de futebol soçaita. Cada um veste a camisa de um time diferente, mas alguém ficou de trazer os coletes para distinguir as equipes. Os peladeiros chegam aos poucos. Finalmente

foi atingido o *quorum*.

Ops, passou, já são dezesseis... Tudo bem. O importante é competir. Com a chegada de reforços, os times já podem ter nove jogadores e se dar ao luxo de jogar com sete de cada lado – como pede a regra – e ainda ter dois reservas, não para uma possível mudança tática, mas para revezar o fôlego. Falta o responsável pelos coletes,

mas a bola estando ali, dá-se um jeito: o time da direita tira as camisas.

Começa o espetáculo. A brincadeira dessa turma de jornalistas de Brasília acontece há tanto tempo, quase duas décadas, que já incorporou profissionais de outras áreas e filhos dos atletas. Um dos organizadores, Jânio Lessa, brinca que a aceitação de médicos e fisioterapeutas foi oportuna, “só falta o reforço de um psiquiatra”. Luís Lima, o Lula, sofre quando precisa faltar, nem que seja para organizar o Trem do Forró de Recife, sua cidade natal: “Prefiro jogar”. João Forni, com a camisa do Grêmio, confirma: “A pelada é sagrada”. Um dos sem-camisa, o diplomata José Renato, viveu um dilema



quando estudava para o concurso do Instituto Rio Branco. Tinha exames no domingo, mas não conseguia faltar à pelada da véspera. “Preferia conviver com a ‘culpa’ de não ter estudado como deveria.” Ainda bem que passou na prova.

As peladas de fim de semana fazem parte da vida de milhões de brasileiros e, cada vez mais, também de brasileiras. Alguns grupos são mais organizados, têm calendário e razão social, fazem parte de associações e campeonatos.

Mas a maioria é pura diversão, sem juiz ou bandeirinha, com atacantes e defensores se revezando até para defender o gol. E a diversão não se restringe ao futebol: vôlei, basquete e tênis também fazem parte dos remédios antiestresse.

Brincadeira arriscada

O problema é que a maioria desses atletas de fim de semana não tem preparo físico para o esforço em campo. Cardiologistas e ortopedistas alertam para os altos riscos dessas atividades. O doutor Nabil Gorayeb, médico responsável pelo setor de Cardiologia do Esporte do Instituto Dante Pazzanese e pelo *check-up* esportivo do Hospital do Coração de São Paulo, conta que não é pequeno o número dos que encontram no esporte de

fim de semana o gatilho para um enfarte. “Quem gosta de atividades esportivas tem de se preparar, conhecer o esporte e treinar”, afirma.

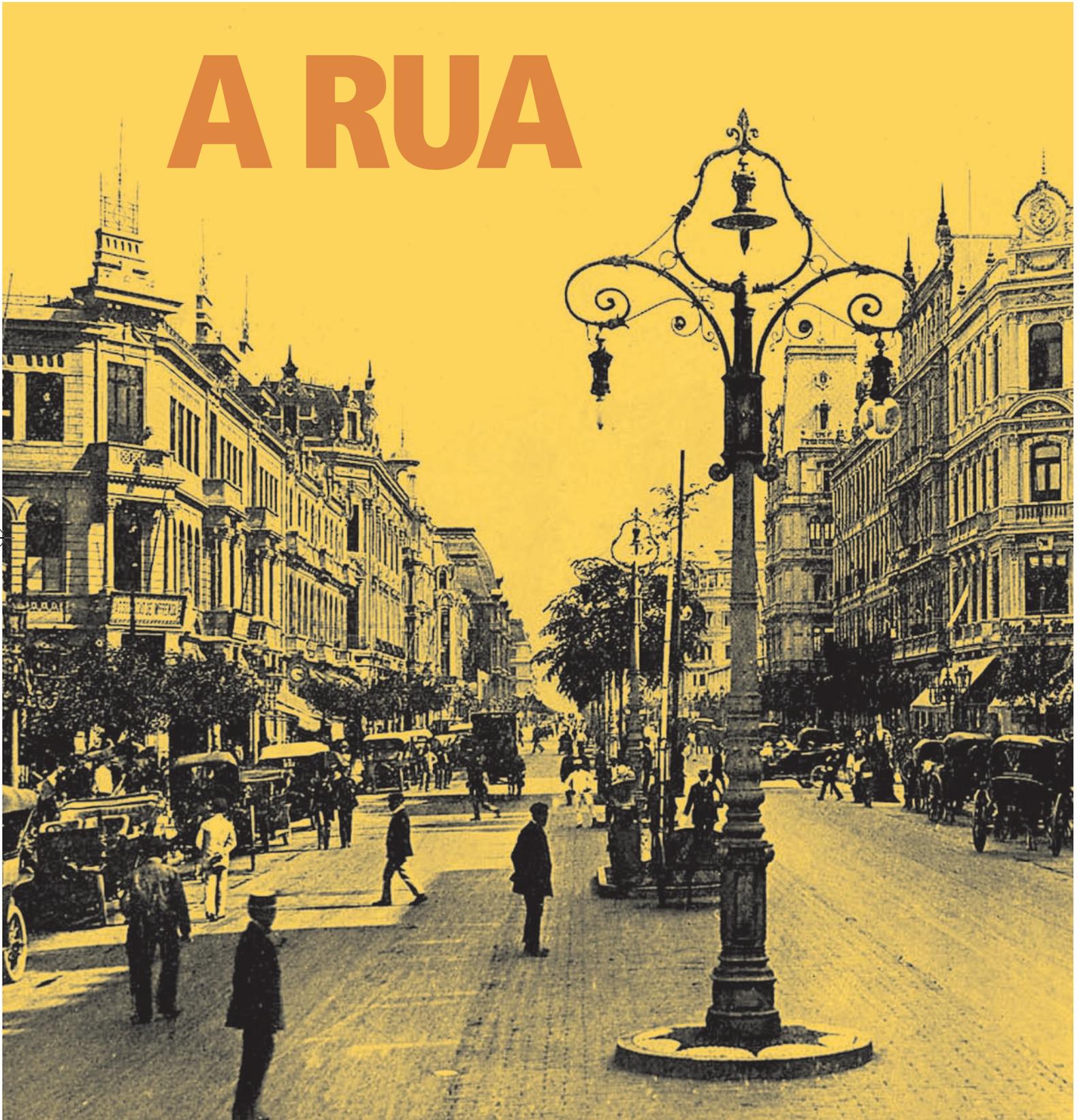
A “sorte” de quem exagera nos exercícios de fim de semana, diz o médico, é que o trauma ortopédico vem antes do cardiovascular e às vezes “salva a pessoa”.

Outros riscos por falta de condicionamento físico são as torções de tornozelo, distensão ou ruptura muscular por falta de condicionamento específico. Os especialistas recomendam treinar o “gesto esportivo”, com exercícios específicos para saltar, chutar, mudar de direção, bloquear e fazer fintas. Sem isso, a musculatura não responde como deveria e abre caminho para a lesão.

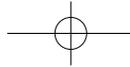
Os médicos dizem que, embora o risco para os mais jovens seja menor, mesmo eles devem caminhar pelo menos meia hora, três vezes por semana, fazer alongamento e trabalho muscular, para ter um condicionamento mínimo e melhorar na qualidade de vida.

*Agência Carta Maior

A RUA



Fotos: Acervo Iconografia

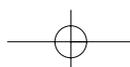


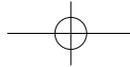
João do Rio

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. A rua! Que é a rua? Um cançonetista de Montmartre fá-la dizer:

*Je suis la rue, femme éternellement verte,
Je n'ai jamais trouvé d'autre carrière ouverte
Sinon d'être la rue, et de tout temps, depuis
Que ce pénible monde est monde, je la suis...*

A verdade e o trocadilho! Os dicionários dizem: “Rua, do latim ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia”. E Domingos Vieira, citando as Ordenações: “Estradas e rua pruvicas antigamente usadas e os rios navegantes se som cabedaes que correm continua-





Texto 27 / Vida urbana



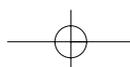
mente e de todo o tempo pero que o uso assy das estradas e ruas pruvicas”.

A obscuridade da gramática e da lei! Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopédias, manuseei in-fólios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. Não paga ao Tamagno para ouvir berros atenorados de leão avaro, nem à velha Patti para admitir um fio de voz velho, fraco e legendário.

Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. O crime, o delírio, a miséria não os denuncia ela. A rua é a transformadora das línguas. Os Cândido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Cândido. A rua continua, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros. A rua resume para o animal civilizado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem-estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das árvores e no trinar dos pássaros.

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e



haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação e, por isso, é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das

Fotos: Acervo Iconografia



obras humanas. A rua criou todas as blagues, todos os lugares-comuns. Foi ela que fez a majestade dos rifões, dos brocados, dos anexins, e foi também ela que batizou o imortal Calino. Sem o consentimento da rua não passam os sábios, e os charlatães que a lisonjeiam lhe resumem a banalidade, são da primeira ocasião desfeitos e soprados como bolas de sabão. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para

Texto 27 / Vida urbana

Fotos: Acervo Iconografia

ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é, no encanto da vida renovada, no chilrear do passaredo, no embalo nostálgico dos pregões, tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'ouro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto!

Essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. É fatigante o exercício?

Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horácio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flunando. Flunar!



Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flunar? Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flunar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas,

Texto 27 / Vida urbana

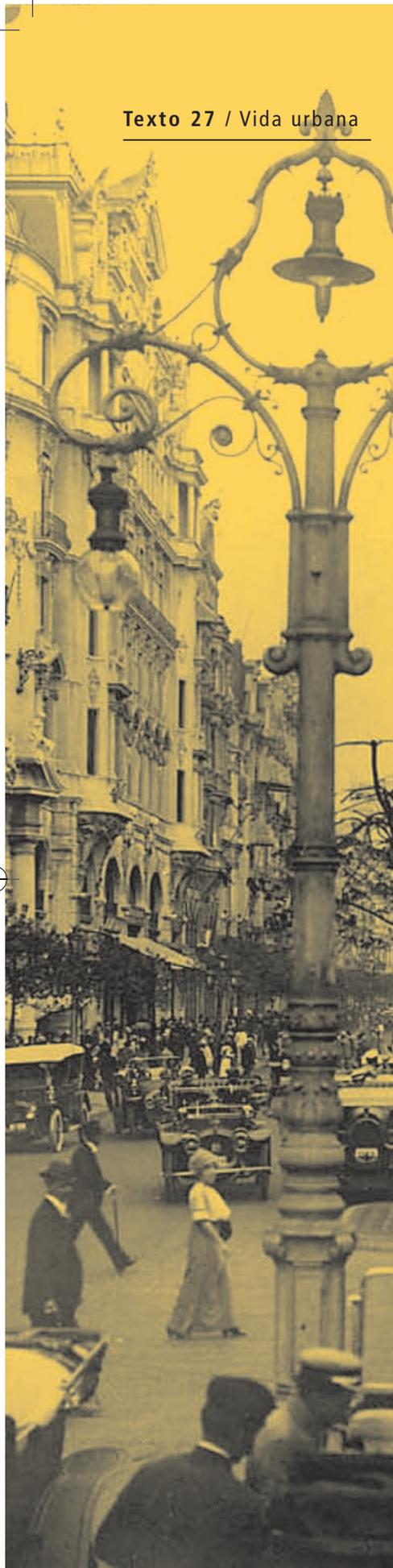


Foto: Acervo Iconografia

conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saúde, depois de ter ouvido *dilettanti* de casaca aplaudirem o maior tenor do Lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela, como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no *Homem das multidões*, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. Haveis de encontrá-lo numa bela noite, numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai.

Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O *flâneur* é o *bonhomme* possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.

Fundação Biblioteca Nacional do Livro, *A alma encantadora das ruas* – Departamento Nacional do Livro – Ministério da Cultura.

NINGUÉM FAZ NADA

*As bases da teoria
do ócio criativo
do italiano
Domenico De Masi*



Ilustração: Alcy

Texto 28 / Tempo bem empregado

Já imaginou passar a vida fazendo só o que gosta? Mas e daí, viveria do quê? Sonhos? Se a gente pensar no trabalho como um fardo, a situação realmente parece impossível. Mas e se o trabalho, o lazer e o estudo começassem a se misturar em nossas vidas de tal forma que não desse mais para diferenciar uma coisa da outra?

Essa é a proposta de Domenico De Masi, sociólogo italiano da Universidade La Sapienza, de Roma. Ele ficou famoso por defender a idéia de que é hora de as pessoas cultivarem o ócio criativo para uma nova era. Utopia? Não. Cada vez mais gente e empresas aderem aos seus conceitos e se tornam mais felizes e produtivas.

De acordo com o sociólogo, o ócio criativo é uma arte que se aprende e se aperfeiçoa com o tempo e com o exercício. É necessário reconhecer que o trabalho não é tudo na vida e que existem outros grandes valores: o estudo para produzir saber; a diversão para produzir alegria; o sexo para

produzir prazer; a família para produzir solidariedade etc.

Nenhum progresso, porém, acontece automaticamente, é necessário criar um movimento de opinião e depois um grupo de luta para colocar em prática idéias inovadoras como essas.

O caso é que, em todo o mundo, a economia convencional se baseia na forma de trabalho como o que conhecemos hoje. Será que seria preciso, primeiro, acontecer uma mudança no sistema econômico para criar o ambiente propício à concretização de idéias como as de Domenico De Masi?

Ele acredita que as mudanças estruturais e culturais se influenciam entre si e espera que a difusão de suas idéias consiga formar um grupo crítico de pessoas dispostas a mudar realmente o seu modelo de vida e lutar para conquistar a felicidade.

www.nova-e.inf.br/exclusivas/domenicodemasi.htm

O BRASIL DO BEM



Alexandra Trentine, do Grupo Viva e Deixe Viver, conta histórias e mostra livros a Carlos Roberto, 7 anos, paciente do Hospital do Câncer.

Foto: Agliberto Lima / AE

De acordo com a Organização das Nações Unidas, a Onu, entre cada grupo de 10 brasileiros, pelo menos dois se dedicam a trabalhos sociais. Em algumas instituições, existe até fila de espera para participar.

Por Luísa Alcalde

A cada ano aumenta o número de brasileiros que dedicam parte do tempo livre a trabalhos voluntários. E esse batalhão de gente disposta a trocar horas de lazer pelo auxílio ao próximo não pára de crescer. Em 2000 eram 20 milhões; hoje, está em torno de 42 milhões de pessoas.

Ou seja, de cada 10 brasileiros, pelo menos dois fazem trabalho voluntário. E há filas de espera de interessados para ajudar Organizações Não Governamentais (ONGs), escolas, igrejas, creches e hospitais, como no caso do Hospital Albert Einstein, onde sempre há pelo menos duas centenas de pessoas aguardando chamada.

O interesse dos jovens

Entre os jovens brasileiros, 54% gostariam de fazer trabalho voluntário, mas não sabem por onde começar.

Assim, são 14 milhões de jovens e 10 milhões de adultos querendo ocupar seu tempo livre dedicando-se aos necessitados.

Enquanto isso, as grandes empresas nacionais gastam R\$ 4 bilhões por ano em segurança patrimonial e pessoal de seus executivos e apenas R\$ 5 mil por mês em filantropia. De acordo com dados da Receita Federal, a média para doações e contribuições é de apenas R\$ 23 mil por ano entre 5 milhões de brasileiros que pagam imposto de renda.

Os contadores de histórias

O projeto Contadores de Histórias, da Associação Viva e Deixe Viver, treina voluntários para contar histórias para crianças e adolescentes internados em hospitais públicos e privados, para proporcionar-lhes momentos alegres e, assim, contribuir para a humanização da saúde. É um dos trabalhos voluntários mais bem-sucedidos e está espalhado por todo o país.

www.metaong.info



OS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA E O LAZER

Privadas de outros direitos fundamentais, as pessoas portadoras de deficiência quase não têm oportunidades de vivenciar o lazer, seja por falta de opções ou porque são impedidas de fazerem escolhas – até mesmo pela própria família.

Texto 30 / Lazer e deficiência

O professor Vinícius Saviolli, coordenador de lazer, recreação e esportes na APABB - Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade Associação dos Pais e Amigos do Banco do Brasil, em São Paulo, acha muito importante o lazer sem fins terapêuticos para pessoas portadoras de deficiência: "A vida de uma pessoa portadora de deficiência é toda ela um processo de reabilitação. Dessa forma, o lazer sem fins terapêuticos faz, inclusive, com que melhore o rendimento nas terapias realizadas durante a semana, além de melhorar a auto-estima".

Conquistando afeto e inclusão

Por meio de uma série de eventos de lazer, como tardes no clube, danceterias, passeios e festas, as famílias da Apabb puderam perceber a importância dessas atividades para o desenvolvimento dos seus filhos, e a demanda cresceu, como conta Vinícius Saviolli. "As atividades de lazer, sobretudo os acampamentos, começaram a dar espaço para os portadores de deficiências se colocarem, terem iniciativas autônomas, tornando-os mais independentes. Partimos do pressuposto que esses jovens podem fazer tudo, dentro de uma proposta de lazer descompromissada com o desempenho ou metas, com o único objetivo de dar satisfação."

Projeto Carona

Outra experiência com recreação para portadores de deficiência que está dando certo é o Projeto Carona, também em São Paulo. Inicialmente, o serviço oferecido era o transporte de pessoas com limitações físicas. Por solicitação de pais que tinham dificuldades de levar os filhos com deficiências para participar de programas culturais e de lazer, os organizadores começaram a desenvolver esse lado e, hoje, realizam passeios e acampamentos em grupo todos os finais de semana.

As resistências iniciais, quase sempre por parte dos pais, são semelhantes às que acontecem na Apabb, nas primeiras vezes que os filhos participam sozinhos do programas. "Eles descobrem coisas que podem fazer sem os pais, descobrem que podem divertir-se longe das famílias", conta Roque José da Rocha Filho, responsável pela área de recreação do Projeto Carona. "A partir daí, a família percebe que a superproteção é desnecessária, que o filho tem capacidades que desconhecia."

Fazendo amigos

"Quando a proposta é voltada para a satisfação do grupo, começam a se estabelecer relações de amizade, que é uma das dificuldades da vida desses adolescentes e jovens", ressalta Vinícius. "Eles começam a sair juntos, telefonar-se, trocar informações,

Foto: Epitácio Pessoa / AE

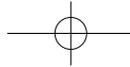


O deficiente físico Carlos Matos, de 19 anos, entrando no carro do programa Projeto Carona, com um dos donos, o senhor Roque.

angústias e alegrias. Nos acampamentos as relações são intensas, o tempo todo quebrando a rotina rígida a que normalmente estão submetidos. No Projeto Carona também surgem amizades e namoros, como em qualquer turma de jovens. "Formamos grupos heterogêneos e eles se dão superbem. Os menos comprometidos acabam ajudando os outros, querem acompanhar os monitores, criando um clima saudável." Roque destaca ainda o papel importante do papel desse trabalho na inclusão social. "Uma coisa é sabermos que os portadores de deficiências existem, outra, é vê-los num show, num teatro, passeando. Os empresários de lazer também já os descobriram como clientes em potencial que, quando bem atendidos, retornam. Às vezes, a sociedade não os inclui porque nem os vê, pois a própria família promove a exclusão."

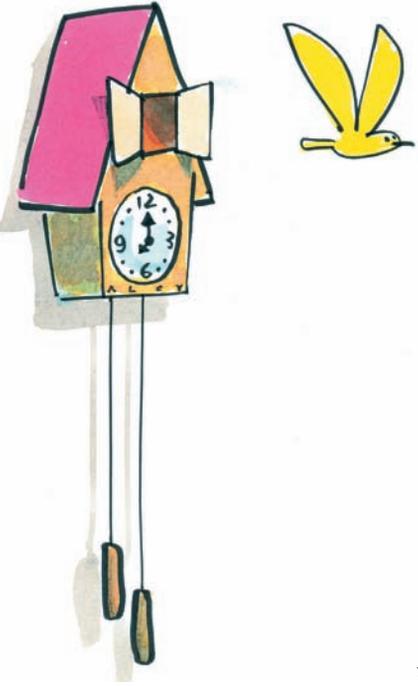
O processo de inclusão social também é ressaltado por Vinícius. "O domínio de regras e comportamentos específicos necessários às propostas recreativas em geral estimula a autoconfiança para que a pessoa portadora de deficiência busque, espontaneamente, participar das atividades de lazer existentes na comunidade", diz o coordenador. "Tornando-se útil e participativa, ela obtém de seu grupo social reconhecimento, respeito e afeto. Conseqüentemente, torna-se agente ativo no processo de inclusão social."

APABB - Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade



LAZER X CRISE ECONÔMICA

Na crise, enquanto os trabalhadores só pensam em não perder o emprego, alguns patrões consideram que o melhor aproveitamento do tempo livre traz como consequência, melhor rendimento no trabalho.



Para o sociólogo argentino Jorge Werthein, representante da Unesco (órgão ligado à Organização das Nações Unidas - ONU) no Brasil, em época de desemprego, falar em lazer e tempo livre é problemático. Nesta entrevista, ele se mostra esperançoso quando declara que "o tempo livre que decorre do trabalho digno não pode ser visto como condenação ao desemprego"

O senhor acredita que os avanços tecnológicos, que teoricamente proporcionam às pessoas mais tempo fora do trabalho, representam um avanço no aproveitamento do tempo livre?

Por um lado, representa avanço, sim, na medida em que pode ampliar o tempo livre, possibilitando o exercício da criatividade e da realização pessoal. Por outro lado, só a menor parte da população trabalhadora se beneficia do tempo livre, o que representa um problema e uma limitação.

Qual deve ser a orientação para que

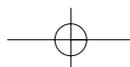
o tempo livre seja melhor aproveitado?

Muitos estudiosos proclamam o trabalho como necessidade humana básica. Nessa perspectiva, o tempo livre é definido como um modo de recuperar as forças produtivas, ou seja, descansar para poder produzir. O declínio do emprego, por causa do avanço da ciência e da tecnologia e dos modelos de desenvolvimento que a gente vê - que concentram decisões tecnológicas e lucros, começa a abalar os padrões da livre concorrência. E o tempo livre também pode ser visto como um produto do sistema capitalista, como objeto de exploração capitalista.

De que maneira isso ocorre?

Pela propaganda de valores que tenham efeitos positivos no aumento da produção e do consumo. Mas é preciso reconhecer que essa interpretação é parcial, pois não considera a própria luta histórica dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho. De mais de setenta horas

Ilustração: Alcy



semanais de trabalho em meados do século passado, a jornada em muitos países já está hoje abaixo de quarenta horas. Essa conquista dos trabalhadores permitiu o desenvolvimento de uma cultura do lazer. As pessoas comuns passaram a ter acesso a determinados bens da civilização antes reservados apenas às camadas dominantes da sociedade. Ao mesmo tempo, surgiram inúmeras instituições sociais promotoras do lazer que imprimiram uma dimensão cultural ao tempo livre. Mas essa dimensão do lazer começa a sofrer os primeiros reveses, pois o processo de globalização aumenta sua velocidade, os modos de produção mudam e a crise do desemprego aumenta e se universaliza.

Existe um preconceito que marginaliza o tempo livre como fator negativo para o desenvolvimento das pessoas. Ainda se relaciona tempo livre com o ócio?

O tempo livre só será negativo na medida em que se reduzir a uma sociedade de consumo. Quem vê o tempo livre apenas como ócio esquece-se de que a própria Declaração Universal dos Direitos do Homem. Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias periódicas remuneradas.

Por causa das jornadas excessivas de trabalho, tempo gasto na condução, entre outros fatores, os trabalhadores não conseguem adquirir crescimento

cultural. Como corrigir essa defasagem?

O crescimento cultural dos excluídos representa um dos maiores desafios do nosso tempo. Só uma nova ética das relações internacionais, que permita a redução das desigualdades entre os povos, poderá viabilizar o retorno da dimensão humana do desenvolvimento.

Como a Unesco interpreta a questão do lazer, do trabalho e do tempo livre? O mundo atual mostra preocupação com essas questões?

A Unesco luta incessantemente em várias frentes para que os direitos humanos sejam respeitados. Luta por um direito que tenha compromisso com a ética e não com a futilidade e a vida sem sentido, banalizada.

Todos os compromissos da Unesco têm algum tipo de relação com o problema do desemprego e do tempo livre. Educação, ciência, cultura, direitos humanos, tudo isso envolve, de alguma maneira, a questão do trabalho e do lazer. Todo o esforço da Unesco, desde quando foi criada, logo após a Segunda Guerra Mundial, tem sido no sentido de promover a paz e a justiça social por meio de diversas formas de intercâmbio científico e cultural e compromissos públicos entre seus Estados-membros.

Adaptação da entrevista concedida à Fernanda Oshino, para a revista Sesc número 18.

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Tempo livre e trabalho / [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007, -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0065-7 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0065-9 (Unitrabalho)

1. Lazer 2. Livros-texto (Ensino Fundamental)
3. Trabalho I. Mazzeu, Francisco José Carvalho.
- II. Demarco, Diogo Joel. III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0419

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19